

MICROSCÓPIO

ESPONJA DE FEL

Raul Pilla

FALANDO aos seus camaradas de armas, na véspera do Natal de Jesus, fêz o ministro da Guerra um apêlo à pacificação dos espíritos. E' chegado o momento de passar uma esponja nos ressentimentos que, porventura, possam ter ficado em nossos corações — disse êle — para que, ao se comemorar o nascimento do Menino-Deus, possamos merecer as graças da Providência Divina e a inspiração necessária à boa execução de nossas tarefas e deveres.

Ninguém poderia impugnar tais palavras, se as palavras se pudessem julgar em si mesmas, sem consideração de quem as diz, e sem conexão com os fatos que exprimem, dissimulam, ou contrariam. Ora, diz-se querer a pacificação, mas nada se faz realmente por alcançá-la, removendo as causas profundas de inquietação e revolta. Ao contrário, não deixam nunca de acrescentar-se aos antigos, novos fatores de ressentimento.

Um só fato basta. O coronel João Adil de Oliveira é o mais antigo oficial da Aeronáutica no quadro de acesso ao pósto de brigadeiro. Apesar disto e não obstante o seu reconhecido merecimento, pela vigésima primeira vez, no atual governo, deixou êle de ser promovido há dias, quando o eram numerosos outros colegas, com menos direito do que êle.

Tal fato, ainda quando superficialmente considerado, bastaria a demonstrar que há alguma coisa errada no seio das

nossas Forças Armadas. Se inerte lhes é a disciplina, mais importante se lhes faz a justiça, por ser esta a base necessária daquela. Como, pois, o presidente da República, sob a suprema autoridade do qual a Constituição põe as Forças Armadas, concorda em associar a sua responsabilidade a tão reiterada e escandalosa preterição?

Mas, se, desta superficial consideração do estranho fato, descermos a inquirir-lhe as causas, uma só encontraremos: o coronel João Adil de Oliveira foi quem presidiu ao inquérito do Galeão, que revelou a Nação estarecida o mar de lama existente no palácio do Catete. Não se pode negar ter-se produzido um estado de insurreição na Aeronáutica em face do assassinio do major Rubem Florentino Vaz, e ter sido esta revolta o que levou o presidente Getúlio Vargas a tomar várias providências, entre elas, a nomeação do coronel João Adil de Oliveira para presidir ao inquérito policial-militar. Por que está sendo castigado o valoroso oficial, se êle tão somente se limitou a cumprir rigorosamente a missão, que pelos seus superiores lhe fôra cometida? E' que o «mar de lama», que os ingénuos supunham esgotado com a dupla tragédia, apenas adormecera e refluíu depois, em maré que não tem cessado de subir. Tê-lo feito retirar-se naquela

ocasião é o crime que está expiando o coronel João Adil de Oliveira, como se êle, não a Aeronáutica, êle, não a consciência da Nação, é que tivesse forçado a investigação da verdade.

Volvamos agora aos cristianíssimos anseios de paz do ministro da Guerra. Quer êle passar uma esponja nos ressentimentos que tenham ficado nos corações dos seus companheiros de armas. Conseguir-se-á, porém, apagá-los, passando uma esponja embebida em fel?